

SEDUÇÃO E DOR NA LITERATURA DO PÓS-APARTHEID:

Uma leitura de *Desonra* e *A vida dos animais*, de J. M. Coetzee

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira (UFF)

Mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura – UFF

Membro do Grupode Estudos Nação-narração/CNPq

**Artigo apresentado no I Simpósio Internacional de Letras da Universidade Vale do Rio Verde,
Campus Três Corações, em abril de 2008**

O escritor sul-africano J. M. Coetzee, Prêmio Nobel de Literatura em 2003, ao longo de sua carreira, consagrou-se como um autor de obras complexas e dilacerantes sobre o seu país, após o fim do regime do apartheid.

Aborda com paixão e racionalismo a complexidade das relações humanas na África do Sul contemporânea, transpondo para as suas narrativas, de modo mais insólito, os percalços de sua profissão (além de escritor, Coetzee é também professor na Universidade da Cidade do Cabo). Explora a ficção como um espaço que problematiza a relação entre ética e estética, investigando a miséria, a dor e a solidão do ser humano, mostrando assim, como são frágeis os limites da dignidade do homem, além de estabelecer um elo com obras de importantes autores do cânone ocidental.

1. *Desonra*

Desonra é uma narrativa instigante, capaz de prender o leitor do início ao fim com sua trama densa e intensa. Relata a trajetória em queda livre de um professor universitário da Cidade do Cabo –

David Lurie -, um homem de meia-idade, solitário, erudito e acomodado. Nessa instituição acadêmica, impera o desinteresse pelos estudos de Letras Clássicas e Modernas, o que ocasiona a recolocação do professor, que passa, por essa razão, a lecionar Capacitação em Comunicações, mas que também ministra o curso Poesia Romântica, que é sua especialidade. Cogita escrever uma ópera sobre Lord Byron, mas não consegue levar o projeto adiante. Não se incomoda com a falta de interesse dos alunos por suas aulas de poesia.

Ele continua ensinando porque é assim que ganha a vida; e também porque aprende a ser humilde, faz com que perceba o seu papel no mundo. A ironia não lhe escapa: aquele que vai ensinar acaba aprendendo a melhor lição, enquanto os que vão aprender não aprendem nada.
(p. 11)

Lurie satisfaz suas necessidades afetivas em dia, hora e local previamente determinados com uma jovem prostituta cujo nome é Soraya.

Aqui a narrativa de Coetzee dialoga com um clássico da literatura ocidental, *Madame Bovary*, de Flaubert, quando o professor, num grande devaneio, imagina como Emma Bovary se sentiria, se pudesse viver a plenitude do sexo de que falam os poetas, com ele, Lurie, que lhe ofereceria uma plenitude sexual moderada e não o relacionamento intenso que Emma tinha com seus amantes.

Mas Soraya dispensa Lurie e ele passa a ter um caso com uma de suas alunas, o que, para ele, não passava apenas de uma questão de oportunidade. Não obstante estar ciente das conseqüências que essa atitude poderia lhe trazer, o professor foi adiante em seus propósitos.

Está voltando para casa uma sexta-feira de noite, pelo caminho mais longo que atravessa os jardins da faculdade, quando nota uma de suas alunas no caminho à sua frente.

..... Ele fica um pouco tocado por ela. Não é novidade: **não há semestre em que não se apaixone por uma ou outra de suas crias.** Cidade do Cabo: uma cidade pródiga de beleza, de beldades. (

Acusado de assédio sexual, sua vida soçobra. Despreza os códigos politicamente corretos do meio acadêmico e é expulso da universidade onde leciona, por não aceitar o julgamento com as normas impostas pela comissão que o julga. Perante a comissão, assume-se como “culpado”, como “um escravo de Eros”, entretanto, rejeita a possibilidade de fazer a própria defesa e de se submeter ao que chama de aconselhamento. Não está disposto a retratar-se publicamente. De certa maneira sente-se “vítima” da sociedade, uma sociedade do espetáculo, que legitima a ordem dissimulada em detrimento de valores essenciais ao ser humano e que só valoriza os fatos que podem se transformar numa atração. “Estamos vivendo em tempos puritanos. A vida privada é assunto público. A libido é de digna de consideração, a libido e o sentimento. Eles querem espetáculo: bater no peito, mostrar remorso, lágrimas, se possível. Um show de televisão, na verdade.” (p.79)

Para ele, a razão principal de ter sido julgado não foi o fato em si – o envolvimento com uma aluna -, mas sim por considerar-se um velho inútil que quis relacionar-se com uma mulher trinta anos mais jovem.

Julgado por seu modo de vida. Por atos antinaturais: por espalhar semente velha, semente cansada, semente que não fecunda, *contra naturam*. Se velhos comerem meninas, qual será o futuro da espécie? No fundo era essa a acusação: Metade da literatura versa sobre isso: jovens lutando para escapar do peso dos velhos, em prol da espécie (...) País ingrato, este, para os velhos. (p. 215)

Torna-se um indivíduo renegado e se refugia na fazenda de sua filha, Lucy, que após o fim doloroso de uma relação homossexual, cria flores e cuida de cachorros, contando com a ajuda de

um empregado, o negro Petrus. A filha era a única pessoa com quem Lurie ainda tinha algum vínculo afetivo. Sem amigos, cai em desgraça e vê-se totalmente só.

Podemos dizer que o professor vive como um exilado, pois é, por forças das circunstâncias, forçado a se afastar de seu ambiente de trabalho e da vida acomodada que levava. Vive num estágio intermediário: não consegue se integrar totalmente ao seu novo ambiente, nem consegue libertar-se inteiramente do local onde vivia. Tem de aprender a sobreviver onde está.

Tal como o poeta inglês Byron – objeto de estudo do narrador - o professor também tem de fugir para tentar amenizar os efeitos da “manifestação de Eros” em sua vida.

Acusado de abuso sexual, à procura de afeto e sem um projeto concreto de vida, busca em sua filha um refúgio para a sua solidão. Porém, depara-se com uma realidade bem diferente daquela que conhece. Com Lucy, Lurie até poderia manter um relacionamento afetivo sincero e aberto, entretanto, não é o que constatamos ao longo da narrativa. Ele a sente distante, vivendo num mundo próprio, em que não há lugar para ele, o pai.

Lucy, que havia feito parte de uma comunidade hippie, vivia numa casa antes pertencente a grandes famílias brancas no tempo do apartheid. A vida em comunidade findara, porém ela ainda viveu algum tempo com a companheira Helen. Quando esta se foi, viu-se inteiramente só. Lucy era fruto de uma África do Sul pós-guerra e ainda com relações extremamente conflituosas entre negros e brancos. Lurie tem dificuldade de se reconhecer na filha. Os pais eram intelectuais e ela “esse retrocesso, uma sólida colona” (p. 73). Mas ele admite para si mesmo que a história de seu país talvez exerça um papel mais relevante na construção da identidade de sua filha que a herança genética e cultural.

Depois do fim do regime de segregação, após uma luta racial tão brutal, o processo de formação das identidades tornou-se lento e muito frágil. Lucy é violentamente estuprada por três homens negros e recusa-se a deixar o lugar, conformando-se com o que denominou ser a inversão de uma situação que durou muito tempo: o país foi colonizado por brancos – os ingleses, no caso da África

do Sul, e esteve submetido ao regime do apartheid, que subjugava os negros (mais de 50% da população do país). Agora os negros a estupram e querem a sua terra, ela, que é branca, sendo aqui o símbolo do colonizador e também o da dominação branca no regime de segregação racial. Lurie sente-se impotente diante dos agressores e da língua que falam. Ele fala italiano e francês, mas isto de nada lhe vale na África negra, longe da Cidade do Cabo, longe da universidade onde lecionava.

Está desamparado, um alvo fácil, um personagem de *cartoon*, um missionário de batina e capacete esperando de mãos juntas e olhos virados para o céu enquanto os selvagens combinam lá na língua deles como jogá-lo dentro do caldeirão de água fervendo. O trabalho missionário: que herança deixou esse imenso empreendimento enaltecido? Nada visível. (p. 111)

Fredric Jameson, em *A cultura do dinheiro* (2001), problematiza a questão da língua:

Veja-se, por exemplo, a questão dos idiomas no novo sistema mundial: serão todos iguais, e será que cada grupo lingüístico produz livremente sua própria cultura de acordo com suas necessidades? (...) Vale ressaltar, ainda que, para muitas pessoas no mundo o inglês não é exatamente uma linguagem da cultura: é uma língua franca do poder e do dinheiro, que é preciso aprender e usar para fins práticos, e não para fins estéticos. (p. 49)

Lucy diz aceitar pagar o tributo, o preço que os negros lhe cobram e concorda em ser locatária em sua própria terra. Aceita até mesmo se passar por mulher de Petrus _ a terceira -, se isso for garantia de segurança para ela e protege Pollux, um de seus estupradores, da fúria de Lurie, que tenta espancá-lo ao constatar que o jovem está morando na casa de Petrus. Este já não é mais apenas um sócio. Agora é o dono da terra. Ele conhece os homens que violentaram Lucy, mas ela aparentemente, não dá importância para isso. Petrus tem o seu novo “status”, o de proprietário, com direito a um conforto material que desconhecia até então. Uma pequena parcela da dívida histórica dos brancos para com os negros está sendo “paga”; pelo menos é assim que a filha de Lurie enxerga

sua nova situação. Petrus recebeu o seu quinhão, o que lhe era devido. O professor quer que a filha deixe a fazenda, mas ela se mostra irredutível em sua decisão. Pai e filha vêem a realidade de formas diferentes. Depois de uma conversa difícil, por meio de cartas, tentam dialogar, quando Lurie apela inutilmente,

Você quer se humilhar perante a história. Mas o caminho que está seguindo é o caminho errado. Irá despi-la de toda a honra (...) (p.182)

(...)

E Lucy responde, decidida, mas completamente entregue ao desalento:

Sou uma pessoa morta e não sei o que me trará de volta à vida. Tudo o que sei é que não posso ir embora (...) se for embora da fazenda, irei derrotada, e sentirei o gosto dessa derrota o resto da vida. (p.183)

Lucy está grávida de um dos estupradores. Para Lurie, eles não estupraram, acasalaram:

Não era o princípio do prazer que os impulsionava, mas os testículos, sacos cheios de sementes ansiando por se aperfeiçoar (...) Que tipo de filho pode nascer de uma semente daquelas, semente enfiada na mulher não por amor, mas por ódio, misturada caoticamente, com a intenção de sujá-la, de marcá-la, como urina de cachorro? (p.224)

Na modernidade a crise atingiu também a instituição familiar. Estão cada vez mais distantes os elos que ligam as gerações mais novas às mais velhas, o que se expressa na descontinuidade de valores entre pais e filhos. E, como não poderia deixar de ser, a amizade sofreu um declínio progressivo, juntamente com o processo de despolitização do indivíduo. O culto exacerbado da individualidade, e a “tirania da intimidade” não permitem que a amizade floresça. David Lurie e Lucy são seres solitários e infelizes, sem vida afetiva e sem projetos.

2. A vida dos animais

Coetzee, ao ser convidado a proferir uma conferência no Stanford Humanities Center, surpreende a platéia porque não faz uma reflexão acadêmica; ao invés disso, o autor, que também é

ensaísta, procede à leitura de um relato em que uma escritora famosa e solitária faz uma contundente defesa dos animais.

Desse relato originou-se o livro *A vida dos animais*, em que o autor questiona o valor da literatura, indagando o que esta tem a oferecer. Para isso, utiliza sua personagem Elizabeth Costello, uma escritora idosa e solitária, vegetariana radical e veemente defensora dos animais que é convidada a proferir uma palestra. Surpreende a comunidade acadêmica, que esperava que Costello falasse sobre seus livros; no entanto, ela faz uma defesa contundente dos animais. A palestrante faz uma comparação que causa uma enorme perplexidade: compara o assassinato dos judeus no holocausto à matança dos animais e afirma que “foi nos matadouros de Chicago que os nazistas aprenderam como processar corpos. (...) e que no “grande discurso ocidental”, o que impera é a idéia do “homem versus o animal, o racional versus o irracional”, o que para Costello, significa a “rendição total”(pp.63-31), isto é, aceitar o abate dos animais como algo natural. Um de seus maiores opositores é o poeta Abraham Stern, que escreve a ela:

“A senhora se apropriou indevidamente da conhecida comparação entre os judeus assassinados na Europa e o gado abatido. Os judeus morreram como gado, portanto o gado morre como os judeus, diz a senhora. Trata-se de um jogo de palavras que não posso aceitar. (...) Essa inversão insulta a memória dos mortos. Além disso, trata os horrores do campo de forma rasa.” (p. 59)

Como em *Desonra*, a narrativa dialoga com obras do cânone ocidental, como *Um relatório para uma academia* (1919), de Kafka, em que um macaco, Pedro Rubro, é levado da África para a Europa, onde decide tornar-se humano ou algo próximo do homem, ao perceber que essa seria sua única saída para não ter mais de voltar para uma jaula; além de mencionar títulos de poemas de Rilke e de Ted Hughes, como “A pantera” e “O jaguar”, respectivamente, em que os “animais representam qualidades humanas” (p.60); cita também Albert Camus, afirmando que o fato de o escritor, quando menino ter presenciado a morte de uma galinha, cujo pescoço foi cortado, teria

influenciado o artista a escrever anos mais tarde, “um apaixonado ataque ao uso da guilhotina”(p. 76) .Para Costello, a galinha “falou”.

Dessa forma, narrativa é permeada por uma opressão familiar, por um choque de culturas e pela dificuldade de conviver com a diferença. O próprio filho da escritora a descreve como uma mulher chata e desagradável.

Mas, em tempos de globalização, numa era em que surge um novo modelo de “eu” psíquico, caracterizado, sobretudo pela perda das ilusões, o que representa a diferença? Temos, portanto, uma trama que questiona o valor da literatura, a questão da diferença e a complexidade da política dos afetos. Afinal, o que a literatura tem a oferecer, a não ser a analogia, a arte da linguagem? Através da arte da linguagem, Coetzee nos faz atentar para as questões éticas.

Nos tempos atuais tem-se feito a apologia da negação da moralidade. Assim, em meio a todo esse cenário caótico, depreende-se que a literatura continua sendo uma fonte em que se pode recuperar a sensibilidade que falta à sociedade, uma fonte de reflexão indispensável, visto que toda a interpretação do literário recai no âmbito social e histórico.¹

É a ficção que se faz realidade a fim de denunciar as desigualdades sociais, culturais e econômicas e para questionar a própria existência humana. A personagem Elizabeth Costello, ao defender suas convicções, vê-se isolada e rejeitada tanto pela família (o filho, um professor de Física e Astronomia e a nora, Ph.D em Filosofia), como pelos acadêmicos que a convidaram para proferir as palestras. É julgada por suas palavras e por suas atitudes em relações a questões éticas, morais e políticas do nosso tempo, revelando, assim práticas e preconceitos da família e do universo acadêmico. Vejamos o comentário ácido proferido por Norma com relação à Elizabeth:

Você pode considerar sua mãe uma pregadora, se quiser. Mas olhe os outros pregadores todos e seus planos malucos para dividir a humanidade em eleitos e condenados. É no meio de gente assim que você quer ver sua mãe? Elizabeth Costello e sua Segunda Arca, com seus cães, gatos e lobos, nenhum dos quais, evidentemente, jamais cometeu o pecado de comer carne, para não falar do vírus da malária, do vírus da raiva, e do HIV que ela vai querer

Coetzee coloca como objeto de reflexão, seja filosófica, literária ou psicológica, uma maneira de problematizar os conflitos da natureza humana. O romance mostra a dificuldade que as pessoas “moralmente sérias” têm para expressar simpatia ou até para compreender a perspectiva dos outros, o que se revela, por exemplo, no embate entre a escritora Costello e a filósofa Norma. A personagem faz relações que chegarão a um ponto que parece relevante: a dificuldade que os seres humanos têm de se colocar no lugar de seu semelhante, mesmo que a natureza permita esse gesto de abertura para o outro. Em *A vida dos animais*, a personagem Elizabeth funciona como se fosse uma espécie de alterego do autor, Coetzee, um vegetariano convicto, diga-se de passagem. Desse modo, o ficcionista lança mão da personagem para dar vida às suas idéias, utilizando uma fina ironia para elaborar seus questionamentos. Assim, o que “parece apenas um recurso literário ‘pós-moderno’, (...) passa a ser a afirmação da prosa romanesca como um caminho possível do reconhecimento do que assume a impossibilidade de uma última palavra.” (TEZZA: 2002)

Estamos diante de um sutil exercício de sensibilidade e inteligência para repensarmos nossos hábitos alimentares, mas, sobretudo, para repensarmos nossas relações uns com os outros.

Considerações finais

Tanto em *Desonra* quanto em *A vida dos animais*, o autor constrói personagens do nosso cotidiano, e, através deles, tece relações entre classes, entre homens e mulheres de diferentes gerações, com visões de mundo diferenciadas, entre pais e filhos, negros e brancos, entre seres humanos e animais, nos apresentando histórias em que emerge a complexidade da política dos afetos e dos projetos de cada indivíduo, além de problematizar o valor da literatura e das relações no meio acadêmico, do qual, aliás, ele também é parte integrante.

Discute-se a crise de identidade e dos afetos, num mundo marcado pela “liquidez” e pela fragmentação do sujeito, que tenta recuperar o “eu” perdido. Nesse contexto, surgem personagens como o professor Lurie, sua filha, Lucy e a romancista Elizabeth Costello, que são seres

mergulhados na solidão e no desalento.

Terminamos a nossa reflexão com as palavras do escritor Cristóvão Tezza sobre a obra do autor sul-africano:

Pode-se dizer que a brutalidade lógica do apartheid, configurada pela abstração do Estado e absorvida no cotidiano das pessoas, deu a Coetzee a dimensão de sua literatura, mesmo quando seu tema não está na África. Como se a África do Sul tivesse simplesmente regulamentado e despersonalizado, para uma eficácia indolor, algum sonho universal de segregação que bate no coração dos homens.

(TEZZA:2002)

Bibliografia:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BALDINI, Massimo. *Amizade e filósofos*. Trad. Antônio Angonesi. Bauru: EDUSC, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

----- . *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

----- . *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Trad. Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____ A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico. In JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*. A narrativa como ato socialmente simbólico. Trad.: Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

pp. 15-20

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

TEZZA, Cristóvão. *A indigestão da ética*. *Folha de São Paulo, Mais!* – 05/05/2002.

Resumo:

O artigo pretende analisar os romances *Desonra* (1999) e *A vida dos animais* (1999), do sul-africano J. M. Coetzee – Nobel de Literatura em 2003 – mostrando como sua obra representa, de

forma contundente, o universo caótico e desigual da África do Sul pós-apartheid, com um olhar cético, porém, imbuído de uma profunda sensibilidade para chamar a atenção do leitor dos outros continentes para o fato de que, mesmo após o fim de um longo regime de segregação racial, o país ainda sofre com as marcas indeléveis que constituem o legado deixado por aquele sistema brutal. Tenciona-se discutir também como a ficção do autor representa a questão ética no âmbito da literatura e do cotidiano familiar e acadêmico.